

EIXO TEMÁTICO 9 | QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA/ETNIA E SEXUALIDADES**CONSERVADORISMO: uma ameaça à agenda de gênero****CONSERVATISM: a threat to the gender agenda****Clerislânia de Albuquerque Sousa¹****RESUMO**

Neste artigo, buscamos compreender os impactos do conservadorismo na esfera política, especialmente na agenda de gênero. É fato que o surgimento do bolsonarismo e o subsequente aumento do conservadorismo no Brasil trouxeram destaque para a pauta de costumes, representando uma ameaça aos avanços conquistados pelos movimentos feministas. Através de uma pesquisa qualitativa, de natureza explicativa e bibliográfica, constatou-se que o avanço da pauta de costumes é uma realidade no Brasil. É importante salientar que a derrota de Jair Bolsonaro nas últimas eleições não significa uma diminuição das questões defendidas pelos políticos conservadores, pois esse movimento não é transitório, mas sim permanente. Isso pode ser observado pelo aumento de parlamentares conservadores em diversas esferas do cenário político brasileiro.

Palavras-chave: Bolsonarismo; conservadorismo; gênero.

ABSTRACT

In this article, we seek to understand the impacts of conservatism in the political sphere, especially on the gender agenda. It is a fact that the emergence of Bolsonarism and the subsequent increase in conservatism in Brazil brought prominence to the agenda of customs, representing a threat to the advances achieved by feminist movements. Through qualitative research, of an explanatory and bibliographic nature, it was found that the advancement of the customs agenda is a reality in Brazil. It is important to highlight that Jair Bolsonaro's defeat in the last elections does not mean a reduction in the issues defended by conservative politicians, as this movement is not transitory, but permanent. This can be seen by the increase in conservative parliamentarians in various spheres of the Brazilian political scene.

Keywords: Bolsonarism; conservatism; gender.

¹ Doutoranda e mestre em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará – PPGPP/UECE. E-mail: clerislania@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O debate em torno dos papéis atribuídos às mulheres ao longo da história veio ganhando inúmeros contornos, decorrentes de uma sociedade pautada pelo patriarcado, tendo entre suas premissas a delimitação dos espaços dos homens e principalmente das mulheres na sociedade.

Tais delimitações ocasionaram uma tentativa de invisibilização da figura feminina, sendo reproduzida no decorrer dos anos e posteriormente interrompida, mas não totalmente removida graças a atuação dos movimentos feministas². Reflexos do patriarcado ainda são perceptíveis na atualidade, principalmente em aspectos relacionados à questão da maternidade, trabalhos com cuidado, direitos reprodutivos dentre outras temáticas.

Questões envolvendo a agenda de gênero ganharam notoriedade com o avanço da chamada nova direita e a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, defensor da chamada pauta de costumes e que agiu ativamente para restringir e eliminar não só agendas relacionadas às mulheres, mas outras minorias, como comunidade LGBTQI e povos originários.

Partindo do exposto, esta pesquisa tem como questão de partida: Quais os impactos do conservadorismo no âmbito político na agenda de gênero? No que concerne a metodologia, este estudo é de caráter qualitativo e explicativo, utilizando-se de pesquisa bibliográfica. Sobre os objetivos, pretende-se apresentar brevemente o avanço do conservadorismo no Brasil, descrever os acontecimentos que ocasionaram o crescimento da nova direita e discutir os impactos do neoconservadorismo na agenda de gênero.

2 MOVIMENTAÇÕES POLÍTICAS: NOVA DIREITA E BOLSONARISMO.

Nova Direita

A construção da nova direita e sua amplitude após a eleição de 2018 não é um fato isolado. Sua composição originou-se ainda no governo Lula e foi ganhando forma nos anos seguintes, tendo como alicerce a internet, plataforma de debate das pessoas que defendiam as

² Em sua obra *História dos Feminismos na América Latina*, a autora Dora Barrancos denomina o feminismo como “uma corrente de pensamento e de ação política na conquista de igualdade de direitos para as mulheres, tendo como propósito extinguir toda e qualquer forma de tutela masculina dominante”. (BARRANCOS, 2022, p. 19).

mesmas ideologias, ao passo que conseguiu estreitar as ligações dos que eram contra o governo petista, conforme é apresentado por Leonardo Avritzer (2021):

A nova direita brasileira começou a se organizar a partir de fóruns de discussão na internet logo após a reeleição de Lula em 2006 [...].

.....
Nesses espaços digitais, buscavam conhecer pessoas que pensassem parecido, seja porque defendessem o livre-mercado, punições mais severas para criminosos, a instauração de um novo regime militar ou mesmo a volta da monarquia. Desses encontros começaram a surgir novos grupos de estudo e atuação política nas universidades, organizações civis, ideias de novos partidos, movimentos sociais e lideranças intelectuais e políticas [...] (LEONARDO AVRITZER, 2021, p. 15-16).

Na campanha para o segundo mandato, com o escândalo do “Mensalão³”, os cientistas políticos acreditavam que Lula não sairia vitorioso, no entanto, foi reeleito com expressiva votação, focando seu governo, entre outras políticas, em ações voltadas para o combate à pobreza, desse modo, ganhando popularidade.

Nessa época, a popularidade de Lula era tal que grupos e movimentos posicionados à direita do espectro político tentaram protestar contra o governo nas ruas e foram alvo de desdém e escárnio até mesmo de políticos de oposição à gestão petista. (ROCHA; SOLANO, 2021, p. 22).

Partindo desse isolamento político, esses grupos de insatisfeitos passaram a frequentar o ambiente digital e expor as suas lamentações contra o governo petista, buscando interlocutores que seguissem sua mesma linha de pensamento: insatisfeitas com o contexto político, que “defendessem o livre-mercado, que defendessem um novo regime e até a volta da monarquia”, ganhando destaque nesse segmento o escritor Olavo de Carvalho.

Desde a metade da década de 1990, Carvalho defendia, por meio de livros e artigos de jornais e revistas, a ideia de que o país foi tomado por uma hegemonia cultural esquerdista após a redemocratização. (ROCHA; SOLANO, 2021, p. 22).

A justificativa para essa supremacia, segundo Olavo de Carvalho, seria decorrente ao pacto democrático de 1988, exercendo influência a partir de intelectuais de esquerda, ocupando posições privilegiadas, quer seja como editores de livros, redações de veículos de comunicação e em universidades do país.

³ O Mensalão foi um esquema de corrupção descoberto envolvendo o Partido dos Trabalhadores ainda no primeiro mandato de Lula.

Olavo de Carvalho defendia que esse grupo de intelectuais não faziam reflexões mais profundas sobre o país, as quais pudessem ganhar destaque em âmbito internacional, servindo como reprodutores de modas oriundas dos Estados Unidos.

Suas ideias foram ganhando maior propagação, quer seja em blog de sua autoria, site e posteriormente nos *podcasts*, desse modo, criando uma propagação de uma “hegemonia esquerdista” que oportunizou a união de todas aquelas pessoas isoladas e descontentes com o governo Lula, gestando a nova direita.

A potencialidade da nova direita foi percebida de fato no governo de Dilma Rousseff, decorrente dos protestos anticorrupção, que se espalharam pelo país em 2011 e 2012. Os anos seguintes foram tomados por inúmeras manifestações, momento em que ficou ratificada a transformação dos participantes destes movimentos.

Desde a luta pela redemocratização do país, no início da década de 1980, as ruas tinham sido ocupadas majoritariamente por grupos identificados com posições políticas de centro-esquerda e de esquerda. Porém, a partir de 2013 e mais acentuadamente em 2014 e 2015, os manifestantes tenderam cada vez mais a se identificar com posições políticas de centro e de direita (PINTO, 2017, p. 119).

Complementando a exposição de Céli Pinto (2017), Débora Messemberg acrescenta:

Tais manifestações revelaram a presença privilegiada de grupos de perfil conservador, que a despeito de suas clivagens internas em termos de tonalidades ideológicas, expuseram publicamente convicções de cunho segregador e autoritário. [...] encontram-se posicionados ideologicamente no que se convencionou chamar de à direita do espectro político (MESSEMBERG, 2017, p. 621-622).

No que concerne ao espectro político de direita ou esquerda, faz-se necessário destacar que esse é um assunto que gera um debate intenso não só pelo fato de delimitar “um lado” do qual cada espectro faz parte. “O homem de direita é aquele que se preocupa, acima de tudo, em salvaguardar a tradição; o homem de esquerda, ao contrário, é aquele que pretende libertar seus semelhantes das cadeias impostas por privilégios de raça, classe” (BOBBIO, 1995, p. 81).

A partir desse enfoque, compreende-se que a direita simpatiza com a primazia do sagrado, enaltecimento da tradição e da ordem, ou seja, o prevalecimento de costumes tradicionais, da religião, do homem como figura central da família e limitação do papel da mulher.

Diante disso, percebe-se ao longo dos anos, um crescimento do conservadorismo no país, sendo identificado no eleitorado de uma ala que estava ganhando forma e representação na nova direita e que teria um líder para seguir: Jair Bolsonaro.

Bolsonarismo

Levando em conta o sentimento de insatisfação que tomou conta de um segmento da população do país, o nascimento da nova direita, as manifestações e os posteriores desdobramentos políticos que acarretaram na saída de Dilma Rousseff da presidência da república é inquestionável que estes eventos foram determinantes para a ascensão de Jair Bolsonaro do status de político inexpressivo e barulhento para o cargo mais importante do país.

Bolsonaro soube utilizar a seu favor do momento caótico que o país atravessava não só para ganhar notoriedade, mas sim, tornar-se a solução antissistema que assolava o país. A direita estava representada. E não somente ela, aqueles que desejavam uma mudança radical na política.

Um terreno fértil e até então não habitado e que foi muito bem explorado por Bolsonaro foi a internet. Alguns eventos ocorridos entre 2011 e 2014 foram cruciais para não somente chocar a população, mas dar voz a um político desconhecido, mas que sempre foi conservador.

Imagens de militantes protestando com os seios de fora ou em performances sacrílegas nas ruas, com destruição de santas católicas, introdução de crucifixos no ânus, bem como cenas de apropriações da figura de Jesus Cristo como homossexual ou transexual, circularam no Brasil, chocando grande parte da população cristã, tornando o cenário propício para a ascensão de políticos conservadores, como Jair Bolsonaro. (ROCHA; SOLANO, 2021, p. 25).

Iniciando sua carreira política na década de 90 com inúmeros mandatos consecutivos, Bolsonaro fez sua trajetória política pautada contra os direitos humanos, tornando-se referência junto a bancada conservadora e outras lideranças. Dentre seus inúmeros posicionamentos e falas polêmicas, um que ganhou bastante notoriedade foi sua mobilização para barrar o 'kit gay' nas escolas, sendo esta uma cartilha que combateria a homofobia nas escolas.

Em sua comunicação com seu eleitorado, Bolsonaro utiliza-se da contrapublicidade⁴, mantendo a estratégia após sua vitória em 2018. Seu temperamento forte e explosivo tinha bastante identificação com seu eleitorado, sendo constituído de fundamentalistas religiosos, empresários e classe média (MUSSE, 2021).

Após a derrota na tentativa do segundo mandato, é inquestionável a força do bolsonarismo, tanto no aspecto de organização quanto de manifestação política. O resultado das urnas no 2º turno das eleições originou inúmeros protestos Brasil afora, culminando no ápice dos ataques de 8 de janeiro de 2023, também conhecidos como atos golpistas.

Mesmo estando inelegível, Bolsonaro continua sendo uma força política que possui um poder de influência expressivo. Muitos de seus ex-ministros conseguiram emplacar cargos de senadores e deputados decorrente da atuação no governo bolsonarista, tendo como exemplo Damares Alves, ex-ministra do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

Sua atuação enquanto ministra foi bastante polêmica e contraditória, agindo ativamente contra os direitos das mulheres e mesmo assim conseguiu eleger-se senadora pelo Distrito Federal com 714.562 votos.

O bolsonarismo possui tanta notoriedade que Michele, esposa de Bolsonaro é o rosto que representa o PL – Mulheres, estratégia do partido com fins para estimular candidaturas femininas e atrair eleitoras.

[Neo]conservadorismo e gênero

A democracia na América Latina passou por dois extremos; ao passo que aconteceram avanços em pautas defendidas pelos feminismos e pelo movimento LGBTQI – fruto da atuação destes grupos, ocorre também o crescimento de uma ampla frente conservadora. O estabelecimento do neoconservadorismo⁵ é uma realidade (VAGGIONE, 2020).

A agenda da igualdade de gênero passa por inúmeras transformações constante, podendo ser promovida ou não. De um lado, os movimentos feministas e LGBTQI buscam alcançar os direitos sexuais e reprodutivos e, do outro, os católicos carismáticos e pentecostais buscam a defesa da família e da moral (BIROLI, 2020).

⁴ Uso exacerbado de palavras, com o intuito de chocar, de criar impacto.

⁵ O neoconservadorismo caracteriza-se como uma nova configuração do conservadorismo, visando a “consolidação do conservadorismo moral”. (VAGGIONE, 2020, p. 41).

As alianças entre católicos e evangélicos são uma realidade não só no Brasil, mas em outros países. É fato que nos últimos anos o aumento dos evangélicos no país tem crescido exponencialmente, representando também uma forma de fortalecimento político.

No que concerne o aumento dos evangélicos no Brasil, estes são representados em sua grande maioria pelos pentecostais, sendo estes caracterizados como os mais vulneráveis da população (MACHADO, 2020). A autora destaca que esse contingente é majoritariamente composto por mulheres, o que ressalta o poder de atração dessas instituições religiosas, ao mesmo tempo em que confere maior complexidade à agenda de gênero.

[...] embora a liderança cristã continue sendo majoritariamente do sexo masculino, são as mulheres que enchem os templos, assumem a tarefa de transmitir os valores religiosos para as novas gerações e vêm sendo mais mobilizadas para o ativismo conservador contra a “ideologia de gênero” (MACHADO, 2020, p. 84).

Pesquisas realizadas no Brasil, apontaram que a busca pelo pentecostalismo em sociedades nas quais o catolicismo tem hegemonia possibilitam a “reconfiguração das subjetividades femininas”, tendo maior alcance entre os mais pobres (MACHADO, 2020).

A presença evangélica no país no século XXI passa por uma maior interlocução dos movimentos “pró-família” e “pró-vida”, sendo este um posicionamento que tem como objetivo estacionar os avanços na agenda de gênero em inúmeros países. No Brasil, setores religiosos como batistas e assembleianos que atuaram fortemente na formatação na “nova direita” centralizaram a moral como alicerce principal de sua abordagem. Desse modo, a crise da moralidade foi o argumento utilizado para a inserção dos evangélicos nas disputas eleitorais (MACHADO, 2020).

No âmbito político, a ideologia de gênero foi o ponto chave para a inserção de propostas conversadoras no Congresso Nacional, iniciando em 2003 e sendo disseminado nos anos seguintes. Ressalta-se que em 2010, o Plano Nacional de Educação mencionava a questão de gênero, o que causou uma forte mobilização de parlamentares e setores religiosos para a retirada do termo e afins.

Dentre os parlamentos que formavam essa bancada conservadora estava Jair Bolsonaro, que veio a tornar-se presidente em 2018. Seu posicionamento político e seus vínculos familiares garantiram simpatia, aproximação e apoio dos neoconservadores.

Deve-se esclarecer que, para além de uma afinidade afetiva e ideacional – visão patriarcal da família, concepção autoritária de sociedade, postura anti-iluminista e

visão negativa da esquerda associada ao comunismo -, a aliança de Jair Bolsonaro e seus filhos com segmentos católicos conservadores e evangélicos pentecostais foi construída de forma pragmática e com objetivos políticos. (MACHADO, 2020, p. 104).

Ao tornar-se presidente, Bolsonaro escalou cristãos neoconservadores para cargos de 1º e 2º escalão em seu governo. Ressalta-se que a família ganha centralidade neste governo funcionando para a proteção e controle. “Na perspectiva do controle, a família aparece como dispositivo para regular corpos e desejos, como foco no processo de socialização das crianças, de acordo com os valores tradicionais” (BIROLI; QUINTELA, 2021, p. 344).

Outra ação tomada pelo governo bolsonarista foi o combate a agenda de gênero, buscando neutralizar os movimentos feministas e enfraquecer os mecanismos existentes direcionados para a questão de gênero.

Com base no exposto, percebe-se que a aliança entre o neoconservadorismo e o bolsonarismo criou um ambiente propício para desestabilizar as agendas defendidas pelos movimentos feministas e LGBTQI. Vale ressaltar que, mesmo após a derrota nas eleições presidenciais, essa ameaça persiste, uma vez que tanto o neoconservadorismo quanto o bolsonarismo ainda exercem influência não apenas na esfera política, mas também na sociedade brasileira.

3 CONCLUSÃO

Conforme exposto e buscando responder à pergunta de partida deste estudo, observa-se que o bolsonarismo assim como os movimentos conservadores representam impactos negativos na agenda de gênero. Os embates durante o governo de Jair Bolsonaro com os movimentos feministas e LGBTQI ratificam a intenção de diminuir e enfraquecer as conquistas alcançadas por esses movimentos. Essas ações são alicerçadas na ideia de preservar valores morais que remetem a contextos que não refletem as mudanças na sociedade contemporânea.

É importante destacar que, mesmo após a derrota de Bolsonaro em 2022, a agenda de costumes ainda está presente no cenário político. Isso pode ser observado no sucesso eleitoral de diversos aliados e ex-ministros, como o caso de Damare Alves, que foi ministra do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e agora ocupa o cargo de senadora.

Devemos ter ciência de que o conservadorismo não é um movimento transitório. Seu avanço na esfera política e nos espaços de poder representa um estado de alerta não apenas para as mulheres, mas também para todas as minorias.

REFERÊNCIAS

AVRITZER, Leonardo. Política e antipolítica nos dois anos de governo Bolsonaro. *In*: AVRITZER, Leonardo, KERCHE, Fábio, MARONA, Marjorie (orgs). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 13-20.

BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, neoconservadorismo e democracia** – 1ª ed. São Paulo: Boitempo. 2020.

BIROLI, Flávia; QUINTELA, Débora Françolin. Mulheres e Direitos Humanos sob a Ideologia da “defesa da família”. *In*: AVRITZER, Leonardo, KERCHE, Fábio, MARONA, Marjorie (orgs). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 343-357.

MESENBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Soc. estado**. Brasília, v. 32, n. 3, p. 621-648, Dec. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004> . Acesso em 18 abr. 2021.

MUSSE, Ricardo. Governo Bolsonaro: a calamidade triunfal. *In*: AVRITZER, Leonardo, KERCHE, Fábio, MARONA, Marjorie (orgs). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 51-64.

PINTO, Celi R.J. **A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015)**. Lua Nova [online]. 2017, n.100, pp.119-153. ISSN 1807-0175. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-119153/100>. Acesso em 20 set. 2020.

ROCHA, Camila; SOLANO, Esther. A ascensão de Bolsonaro e as classes populares. *In*: AVRITZER, Leonardo, KERCHE, Fábio, MARONA, Marjorie (orgs). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 21-34.

VAGGIONE, Juan Marco. A restauração legal: o neoconservadorismo e o direito na América Latina. *In*: BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. **Gênero, Neoconservadorismo e Democracia**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 41-82.